

Conde Drácula e a Nefrologia

Jenner Cruz

Vlad Tsepesh aka Dracula (pronuncia-se Dracúla), ou Vlad, o Empalador (Tsepesh significa empalador), nasceu em 1431, na cidade de Sighisoara ou Schassburg, na Transilvânia, e faleceu em 1476, em uma batalha contra os turcos, talvez morto pelos seus próprios homens, que o confundiram com um turco. O nome Dracula significa dragão ou demônio.

Seu pai fora membro de A Ordem do Dragão, que significava um pacto de luta eterna contra os turcos.

Aos 13 anos, Vlad foi capturado pelos turcos, com quem aprendeu a arte de empalar e a torturar as pessoas. Sob seu reinado, de 1456 a 1462, em Wallachia, pôde desenvolver todo seu sadismo, cometendo maldades inimagináveis.

O castelo do Drácula fica, até hoje, ao norte de Wallachiana, cidade de Tirgoviste, na atual Romênia. Sua tumba foi aberta em 1931, contendo apenas um esqueleto deteriorado, uma coroa de ouro, uma gargantilha em forma de serpente e fragmentos de um traje de seda vermelha, com um sino nela costurado. Todas essas relíquias foram roubadas do Museu Histórico de Bucarest, onde foram depositadas.

Nessa região, em zonas ribeirinhas, baixas, do rio Danúbio e seus afluentes, muitos agricultores, de ambos os sexos, começavam a emagrecer, ficarem fracos e fortemente anêmicos, determinando a lenda que eles seriam sugados pelo Conde Drácula, mesmo após a sua morte, uma vez que ele era imortal e vivia em seu castelo, em seu caixão, dormindo durante o dia e sugando sangue à noite.

Bram Stoker baseou-se na vida e na lenda desse Conde para escrever, em 1897, seu famoso conto *Drácula*, que teve por volta de 13 adaptações para o cinema e inúmeras para jogos, quadrinhos, séries de TV, novelas, entre outros.

Por meio de estudos anatomopatológicos, nos anos 1950, descobriu-se que a anemia, a fraqueza e o emagrecimento dos moradores da região do rio Danúbio eram decorrentes de uma nefropatia tubulointersticial crônica de causa ignorada, que foi denominada nefropatia dos Balkans, ocorrendo em zonas ribeirinhas das atuais Bósnia e Herzegovina, da Bulgária, da Croácia, da Sérvia e da Romênia. Essa nefropatia endêmica estava associada também a um aumento considerável na incidência de carcinomas do trato urinário.

As pessoas que nascessem nessas áreas, mas que se mudassem ainda novas, não ficavam doentes. Aqueles que eram de outras cidades, após morarem no local, pelo menos por 20 anos, poderiam adquirir a doença. A patologia era muito comum, mas rara em pessoas com até 20 anos de idade. Um mistério.

A Sociedade Internacional de Nefrologia foi fundada durante seu primeiro Congresso, de 1 a 3 de setembro de 1960, graças aos esforços de seu criador e Presidente, Professor Jean Hamburger, em Evians-les-Bains, na França, e em Genebra, na Suíça, cidades que ficavam no lago de Genebra e eram interligadas por barcos. O Professor Hamburger era um *renaissance man (...)* a scientist skilled in several fields of medicine, a teacher, an academician, an administrator, an essayist, a philosopher, and a poet. Poucos anos antes, ele mudara o nome de seu serviço para Nefrologia. Esse termo já existia há quase 200 anos nos dicionários de vários países, mas não era utilizado para designar as doenças renais clínicas.

Em 2 e 3 de agosto de 1960, antes da criação da Sociedade Internacional, estivera presente em São Paulo, na fundação da Sociedade Brasileira de Nefrologia, graças aos esforços do Professor Dr. Israel Nussenzeig.

O segundo Congresso da Sociedade Internacional de Nefrologia foi realizado em 1963, em Praga, na antiga Tchecoslováquia, e um dos principais temas oficiais foi a nefropatia dos Balkans.

Várias teorias foram apresentadas, entre elas: micotoxinas provenientes de bolores, comuns em casas sujeitas a inundações; metais raros, como o chumbo e o cádmio; novos fertilizantes químicos; pesticidas; aditivos alimentares, derivados do petróleo; resíduos industriais, mas nada foi provado.

Em 1969, M. Ivic desvendou o mistério. Uma planta, a *Aristolochia clematidis*, que crescia naquela região e que já fora incriminada, em 1958, pelos veterinários, por produzirem nefropatias e carcinomas cutâneos em cavalos, seria a vilã. Na fabrica-

ção de pães daqueles locais, as sementes da *Aristolochia* eram misturadas com o trigo, e a toxina dessa planta seria lentamente absorvida, de forma que levava mais de 20 anos para que os rins fossem lesados.

A astuta hipótese de Ivic estimulou a descoberta de outra nefropatia intersticial, em 1993. Várias mulheres jovens começaram a apresentar doença renal crônica na Bélgica. Vanherweghem e colaboradores observaram que elas frequentavam uma clínica de emagrecimento, onde, além de realizar exercícios físicos, ingeriam um chá chinês, que seria feito de uma planta semelhante à *Aristolochia fangchi*. A principal diferença é que essa nefropatia aparecia no período de 6 a 24 meses de consumo do chá e que, em algumas partes da China e de Taiwan, também havia grande incidência de lesão renal terminal.

O ácido aristolóquio dessas plantas, além de ser uma nefrotoxina, é um poderoso agente carcinogênico. Ele reage com o DNA genômico, formando o DNA-aristolactamato, que gera o espectro mutacional TP53 no urotélio, fortemente relacionado à formação de carcinomas no trato urinário superior.

Finalizando, existem três entidades clínicas, na literatura nefrológica, que podem produzir nefropatia tubulointersticial crônica associada com carcinoma urotelial: a nefropatia endêmica dos Balkans, a nefropatia das ervas chinesas e a nefropatia por analgésicos.

Moral da história: cuidado com os chás chineses para emagrecer e com o abuso de paracetamol, especialmente quando ingerido junto com o ácido acetilsalicílico.

Jenner Cruz
*Nefrologista e Membro Emérito da
Academia de Medicina de São Paulo*